

Discurso digital do/sobre o “comunismo brasileiro”: efeitos de sentido no imaginário coletivo

Discurso digital de/sobre el “comunismo brasileño”: efectos de sentido en el imaginario colectivo

Digital discourse of/about “Brazilian communism”: sense effects in the collective imagination



Daniel Santos Oliveira¹

Sóstenes Ericson²

Resumo: Esta pesquisa analisa as condições de produção de discursos sobre o comunismo, que circulam pelos recursos digitais. Filiados às teorias propostas por Pêcheux (2014) e Orlandi (2020), procuramos responder: de que forma o discurso digital afeta o sujeito e seu imaginário sobre o comunismo? O *corpus* é constituído por postagens de políticos nacionais no *Twitter*. Nas análises, observamos efeitos que buscam naturalizar/silenciar ataques sofridos por comunistas na história do país.

Palavras-chave: discurso digital. Comunismo. Imaginário coletivo.

Resumen: Esta investigación analiza las condiciones de producción de los discursos sobre el comunismo, que circulan a través de los recursos digitales. Afiliados a las teorías propuestas por Pêcheux (2014) y Orlandi (2020), buscamos responder: ¿cómo afecta el discurso digital al sujeto y su imaginario sobre el comunismo? El *corpus* consta de publicaciones de políticos nacionales en *Twitter*. En los análisis, observamos efectos que buscan naturalizar/silenciar los ataques sufridos por los comunistas en la historia del país.

Palabras clave: discurso digital. Comunismo. imaginario colectivo.

¹ Possui Graduação em Letras com Habilitação em Língua Inglesa pela UEFS. Possui Especialização em Metodologias do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Pitágoras.

² Doutor em Letras e Linguística/Análise do Discurso (PPGLL/UFAL); Mestre em Serviço Social (PPGSS/UFAL); Especialista em Formação para a Docência do Ensino Superior (CESMAC-AL); Graduado em Enfermagem (FENSG/UPE); Graduado em Letras - Licenciatura Plena, com habilitação em Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas (UNEAL). Graduando em Pedagogia pelo Centro Universitário INTA (UNINTA/CE).

Abstract: This research analyzes the conditions for the production of discourses about communism, which circulate through digital resources. Affiliated with the theories proposed by Pêcheux (2014) and Orlandi (2020), we seek to answer: how does digital discourse affect the subject and his imaginary about communism? The corpus consists of posts by national politicians on Twitter. In the analyses, we observed effects that seek to naturalize/silence attacks suffered by communists in the country's history.

Keywords: digital discourse. Communism. Collective imagination.

Considerações Iniciais

Nos debates que envolvem questões políticas da atualidade brasileira, notamos que as palavras “comunismo” e “comunista” têm recebido maior popularidade e parecem ter sofrido processos de ressignificação que deslizam o sentido de uma nomenclatura atribuída, por exemplo, a um determinado partido político ou a um modo de produção. Observar o aparecimento desses outros (novos) sentidos reforça a hipótese de que as palavras “comunismo” e “comunista” hoje estão sendo “associadas a críticas exacerbadas e frequentemente determinadas com adjetivações de baixo calão” (MARIANI, 2019, p. 270).

Considerando que “comunismo” e “comunista” são palavras que têm circulado de “maneira célere, sobretudo em redes sociais [...] principalmente naquelas que divulgam discursos políticos vinculados às posições de poder neoliberais e de extrema direita vigentes a partir das eleições presidenciais de 2018” (MARIANI, 2019, p. 270), este trabalho tem por objetivo refletir sobre o modo com que os termos “comunista” e “comunismo” são discursivizados na contemporaneidade e afetam o imaginário coletivo através do discurso digital.

O percurso teórico-analítico trilhado busca responder as seguintes perguntas: de que maneira os sentidos a respeito de “comunismo” e “comunista” são discursivizados através do discurso digital? E, de que forma o discurso digital afeta o sujeito e seu imaginário do/sobre o comunismo?

Tendo em vista tais perguntas, esta pesquisa recorre às obras de Dias (2015 e 2016), Orlandi (2016) e Paveau (2017), para a compreensão sobre o discurso digital, considerando seu conceito e modos de funcionamento. Para tratar do sujeito da linguagem, este trabalho fundamenta-se nas obras de Pêcheux (2014a e 2015) e Orlandi (2020). Por sua vez, o funcionamento do imaginário linguístico é abordado com base em Pêcheux (2014b). Na movimentação dos gestos de análise, utilizamos as obras de Mariani (1996 e 2019), com vistas à compreensão do funcionamento do imaginário do sujeito sobre o comunismo.

O interesse por esta temática foi suscitado na leitura do artigo de Grigoletto e Silva Sobrinho (2019), no qual, pelo viés da resistência, ao tratar as discrepâncias de sentidos presentes em *fake news* que circularam durante a campanha eleitoral de 2018, foi retomada uma referência de Pêcheux (2011) a um militar, levado ao poder pela burguesia alemã, que não hesitava em defender o seu posicionamento: “Antes Hitler que a Frente Popular” (PÊCHEUX, 2011, p. 74), em face da “ameaça” comunista.

Investindo no momento posterior à referida campanha, o *corpus* desta pesquisa foi extraído de dois *prints* de postagens na rede social *Twitter*, por ser a mais utilizada pelo presidente eleito em 2018, em constante diálogo com seus *seguidores* e *apoiadores*, tendo em conta a distinção feita por Indursky (2020). Embora a gestão pública em tela corresponda ao período 2019 a 2022, voltamos o nosso interesse na passagem do ano 2021-2022, considerando a proximidade do novo ano eleitoral. Desse modo, buscamos selecionar postagens com as palavras “comunismo” ou “comunista”, de autoria de políticos eleitos para a referida gestão, cabendo ressaltar que o critério de escolha, coleta e seleção do *corpus* levou em consideração as perguntas de pesquisa, anteriormente apresentadas, e a data das postagens.

Sobre o discurso digital: conceito e modos de funcionamento

A velocidade com que o digital se expande na sociedade contemporânea pode ser observada em algumas mudanças que têm ocorrido desde a década de 1990. Nos últimos 30 anos, o avanço digital trouxe novos procedimentos de acesso ao saber científico (caso da expansão do Ensino a Distância), inaugurou diferentes modos das pessoas se relacionarem entre si (Redes Sociais e sites de relacionamentos), com o trabalho (teletrabalho), com as instituições sociais (como missas e cultos virtuais), etc.

De acordo com Lemos (2008), o Twitter, por exemplo, dá origem a “novas linguagens”, nas quais “não é um só enunciador da palavra, mas enunciadores que colaboram e produzem novas linguagens e novos discursos. A produção dos hipertextos, aí inseridos, altera o processo de autoria e o poder do discurso” (p. 5). Essas novas possibilidades em rede exigem da população um movimento de constante atualização, considerando que nesses últimos anos “o digital produziu uma mudança na discursividade do mundo [...] nas relações históricas, sociais e ideológicas, na constituição dos sujeitos e dos sentidos” (DIAS, 2016, p. 9).

Investigando o que toca essa “mudança na discursividade do mundo”, este trabalho se filia aos estudos da/sobre a linguagem, especificamente à Análise do Discurso “proposta por Pêcheux e seu grupo e tal como tem sido praticada por Eni Orlandi e os pesquisadores por ela formados, e que hoje, já pode ser entendido como o campo brasileiro de análise de discurso” (INDURSKY, 2017, p. 74). Nessa perspectiva, este estudo considera o funcionamento do discurso na/pela sociedade, como espaço para reflexão a respeito da maneira com que tais mudanças “têm a ver com o digital e com o modo como ele coloca em relação sujeito e conhecimento, através de um funcionamento específico da memória, cuja natureza é digital” (DIAS, 2016, p. 9). Em vista disso, a referida autora propõe que essa reflexão envolva questões históricas, sociais e ideológicas, que são constitutivas dos sujeitos e dos sentidos, e considera que, em cada uma dessas especificidades, “há derivas para outros lugares de significação, que produzem novos sentidos no jogo entre o mesmo e o diferente” (DIAS, 2016, p. 9).

Desse modo, considerando a história e os efeitos do digital, o estudo a respeito desses (novos) processos de significação, que conduzem à (re)produção de sentidos, “precisa levar em conta as condições de produção da internet e [...] a discursividade da rede de sentidos, que não escapa à inunção do digital e dos modos de existência dos sujeitos e de produção dos sentidos na sociedade digital” (DIAS, 2015, p. 980). Destaca-

se, assim, o digital em seu caráter material, compreendendo a relação língua e discursividade. Para Lemos (2008), “o mundo digital propicia novas formas de ver o mundo e, conseqüentemente, de representá-lo por meio da linguagem” (p. 5).

Nesse sentido, a questão “da materialidade digital é afetada pelo seu modo de circulação, que constitui parte inerente à sua materialidade” (ORLANDI, 2016, p. 76), e o aparecimento das mudanças, mencionadas anteriormente, constitui-se por meio de relações com ordens simbólicas no/do mundo (DIAS, 2016). Tais mudanças em meio “as tecnologias, na forma que o digital oferece, correspondem à produção dominante dos processos de significação e de constituição dos sujeitos” (ORLANDI, 2016, p. 78).

De acordo com Dias (2016, p. 9), “essas mudanças têm efeitos, também, no campo específico das teorias. Na Análise do Discurso, [...] chamamos esse efeito de efeito de arquivo, que diz respeito ao modo como o arquivo é compreendido em sua materialidade”. Nessa perspectiva, compreender o arquivo em sua materialidade “implica encontrar na prática de análise de discurso o momento da interpretação, em relação ao da descrição [...]” (DIAS, 2016, p. 10). Desse modo, por meio dos gestos de interpretação, postos em movimento no decorrer dessa prática de análise, é possível observar o modo com que “os dispositivos de arquivo vão se impondo e configurando o processo analítico, a construção do objeto de análise” (Idem, *ibidem*).

É através da sua materialidade que um arquivo nunca é o mesmo, assim como os resultados das análises também são distintos (DIAS, 2016), uma vez que as práticas metodológicas da pesquisa e a construção dos dispositivos de análise variam, ao passo que adquirem perspectivas particulares do pesquisador. Em outras palavras, as variações dos gestos analíticos estabelecem ligações com “a questão posta pelo pesquisador, a maneira como ele considera seu material, construindo o objeto de sua análise, seus objetivos e seu campo teórico, onde se dará a interpretação dos resultados de sua compreensão” (ORLANDI, 2013, p. 3).

Quando postos em movimento, os gestos analíticos “podem trazer contribuições sempre diferentes e extremamente frutíferas para o conhecimento do objeto simbólico em questão e a observação dos processos de significação” (Idem, *ibidem*). Nesse sentido, a tentativa de compreender as noções teóricas a respeito de procedimentos analíticos e o dispositivo de arquivo conduz à reflexão “em torno do trabalho teórico sobre o funcionamento dos *corpora* digitais” (DIAS, 2016, p. 10).

Uma possibilidade de entendimento a respeito do conceito de discurso digital leva em conta que “o digital é um campo de discursividades constitutivo do espaço, do sujeito e do sentido, do conhecimento, com sua materialidade própria” (DIAS, 2016, p. 18). A referida autora entende que a exploração a respeito do digital precisa “questionar suas evidências e sentidos cristalizados” (Idem, *ibidem*). Isso porque o estudo do/sobre o discurso digital se expande, “considerando a dimensão epistemológica, discursiva e histórica do digital na produção e circulação dos sentidos” (Idem, *ibidem*).

Logo, é necessário levar em consideração que esse discurso (digital) se constitui por “uma matéria mista na qual se relacionam indissociavelmente o languageiro e o técnico de natureza informática” (PAVEAU, 2017, p. 28). É possível, então, perceber que no funcionamento do discurso digital encontram-se “[...] o corpo, a máquina, as competências languageiras e os textos produzidos pelo internauta são integrados em um dispositivo comum, que se baseia em uma materialidade única, porém compósita” (PAVEAU, 2017, p. 132).

Das questões para a Análise do Discurso

Nesse momento, retomamos a segunda pergunta de investigação, anteriormente apresentada (de que forma o discurso digital afeta o sujeito e seu imaginário sobre o comunismo?), considerando os pressupostos teóricos a respeito do discurso digital. Isso porque é importante conduzir as discussões em direção às noções sobre o sujeito, para que seja possível questionar, a seguir, o funcionamento do imaginário.

Consideramos que a Análise do Discurso, “[...] não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (ORLANDI, 2020, p. 7). Também interessa considerar que “o discurso é assim palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (Idem, *ibidem*). Dessa maneira, as reflexões a respeito de alguns aspectos que são constitutivos do sujeito partem da noção teórica sobre o sujeito discursivo, que é “pensado como uma ‘posição’ entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz” (ORLANDI, 2020, p. 47, grifo da autora).

Os pressupostos sobre sujeito e imaginário do sujeito aqui mobilizados, permitem compreender, dentre outros aspectos, que o sujeito é “ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la” (ORLANDI, 2020, p. 48). A referida noção insere o sujeito na condição constitutiva de ser, ideologicamente, assujeitado pelo efeito da interpelação.

É necessário entender que “quando se afirma que o sujeito é assujeitado, não se está dizendo totalmente, parcialmente, muito ou pouco, mais ou menos. O assujeitamento não é quantificável” (ORLANDI, 2017, p. 22). Desse modo, é essencial considerar que essa propriedade do sujeito se constitui na/pela sua forma-sujeito que é incompleta e em perene estado de realizar-se. Essa condição do sujeito ser assujeitado e incompleto “diz respeito à natureza da subjetividade, à qualificação do sujeito pela sua relação constitutiva com o simbólico pela ideologia: se é sujeito pelo assujeitamento à língua na história” (Idem, *ibidem*).

No interior dessa relação de dependência do sujeito em relação à língua e à história, é importante considerar que “não há sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua” (Idem, *ibidem*). Nesse sentido, a Análise do Discurso confere ao sujeito a posição de ser fruto de construções históricas e relações sociais que sempre fizeram parte das estruturas do corpo social no qual se constitui. Essa condição de assujeitado não o retira completamente a consciência ou a subjetividade, mas ressalta a relação de dependência constitutiva do sujeito para com a exterioridade na qual se constitui.

Uma noção teórica basilar nesta investigação se refere às formações imaginárias. Pêcheux (2014a) indica que os sujeitos discursivos, dentro de suas relações, assumem a denominação de *A* e *B* sendo que “os elementos *A* e *B* designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais [...] designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 2014a, p. 81).

É desse modo que, em meio aos processos discursivos, ocorre “uma série de formações imaginárias que designam o lugar que *A* e *B* se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 2014a, p. 82). Assim, o sujeito enuncia (discursos) a partir de um lugar/posição social que ocupa, espaço no qual as formações imaginárias não assumirão características de um lugar em si, mas de imagens que o sujeito cria de si, dos outros e dos conteúdos a que se refere. Essas imagens, em jogos de posições no interior dos processos discursivos, viabilizam as ocorrências dos discursos. É por isso que “todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias” (PÊCHEUX, 2014a, p. 82).

As formações imaginárias se constituem por posições que os sujeitos assumem para serem sujeitos do que dizem. É relevante realçar aqui um importante aspecto existente no funcionamento desses jogos de imagens: a noção de antecipação, nos termos propostos por Courtine, pois “é pelo domínio de antecipação que buscamos um ‘sempre-já’” (COURTINE, 2014, p. 113, grifo do autor), e que “ao antecipar temos um ‘sempre-ainda’” (Idem, *ibidem*, grifo do autor). Na concepção de Orlandi (1998), a antecipação é sustentada pelo funcionamento das formações imaginárias, considerando que o sujeito *A* gera imagens em relação a *B*, razão pela qual esse sujeito “experimenta o lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador, constituído pelo jogo das formações imaginárias” (ORLANDI, 1998, p. 76).

Desse modo, o domínio de antecipação proposto por Courtine (2014), na concepção de Orlandi (1998) indica que, em relação aos participantes envolvidos nos processos discursivos, “cada um ‘sabe’ prever onde seu ouvinte o espera. Esta antecipação do que o outro vai pensar é constitutiva de todo discurso” (ORLANDI, 1998, p. 76, grifo da autora). Segundo a referida autora, esse mecanismo de antecipação constitui uma estratégia argumentativa no funcionamento do discurso, cabendo ressaltar também que “todo processo discursivo supunha, por parte do emissor, uma *antecipação das representações do receptor*, sobre a qual se funda a estratégia do discurso” (PÊCHEUX, 2014a, p. 83, grifos do autor). Logo, o funcionamento dessa estratégia argumentativa no interior do discurso aponta para a compreensão de que “argumentar é prever, tomado pelo jogo de imagens. Que se trate de transformar o ouvinte ou de identificar-se a ele, a antecipação joga a partir das diferentes instâncias dos processos discursivos” (ORLANDI, 1998, p. 77).

É possível, então, além de refletir a respeito das possíveis imagens que são criadas pelo sujeito em *A*, observar também as imagens em relação ao objeto imaginário gerado e mencionado pelo sujeito em *A*. De acordo com Pêcheux (2014a), esse objeto imaginário se refere ao conteúdo (*R*) a que o sujeito se refere e através desse jogo imaginário, para produzir discursos, o sujeito *A* dispõe de pontos de vista acerca do Referente. Desse modo, o assunto do que está sendo dito constitui-se por meio das imagens de *A* sobre *R*.

Em se tratando deste trabalho, a “imagem de *A*” se refere às possíveis imagens que são criadas pelos sujeitos empíricos autores das postagens selecionadas e a “imagem de *B*” se refere às possíveis imagens criadas pelos sujeitos leitores das postagens. O caminho que será trilhado para a análise das imagens que são geradas por *A* em relação a *A*, por *A* em relação a *B*, e por *A* em relação ao *R*, segue os recortes das postagens que abordam (discursivizam) o comunismo.

Procedimento de formulação e análise do *corpus*

Pela filiação às perspectivas teórico-analíticas propostas por Pêcheux e por Orlandi, buscamos “estabelecer um diálogo constante entre teoria/método/procedimento analítico e objeto, tal como se espera de uma pesquisa que se inscreve na análise de discurso materialista” (MASSMANN, 2021, p. 347). Entretanto, no início do procedimento de análise, é fundamental sinalizar um procedimento metodológico que assegure que o gesto analítico não se reduza “à aplicação automática da teoria, mas sim a uma construção do analista orientado por sua questão de pesquisa, pela delimitação de seu objeto e pelo batimento sempre presente entre a descrição (estrutura) e análise (acontecimento)” (Idem, *ibidem*).

Desse modo, no direcionamento da teoria ao objeto selecionado, consideramos que os “[...] objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visam à demonstração, mas mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos” (ORLANDI, 2020, p. 61). De acordo com a autora, tais efeitos de sentido estão costurados na história e são (re)produzidos na/pela sociedade a partir de complexas relações entre a língua e a ideologia. Com isso, para compreender o modo com que o discurso digital (pode) afeta(r) o sujeito e seu imaginário sobre o comunismo, produzindo efeitos de sentido, é imprescindível questionar o modo com que sentidos supostamente estabilizados podem sofrer processos de deslizamento.

A reflexão a respeito desse efeito de aparente estabilidade de um sentido (para em seguida pensarmos como ocorrem os deslizamentos) inicia-se na observação da atuação da memória discursiva no funcionamento dos discursos. Isso porque “os sentidos permanecem em constante relação com a historicidade, intrincada à memória discursiva” (AMARAL e LOPES, 2019, p. 484). Nessa perspectiva, “no sentido discursivo, a memória – o interdiscurso, como definimos pela análise de discurso – é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer” (PÊCHEUX, 2015, p. 58).

O modo com que essa rede de já-ditos, interdiscurso, funciona, constituindo e atribuindo sentido a novos dizeres, pode afetar (afeta) a (re)produção de sentidos que habitam no imaginário coletivo. Considerando o Referente destacado para este trabalho, a discursividade em torno de comunismo/comunista, identificamos que os efeitos de sentido desses termos na sociedade envolvem questões sobre movimentos filosóficos e políticos, que visam à superação do capitalismo e à adoção de um modelo socioeconômico de sociedade que seja igualitário e sem divisão de classes sociais.

Para compreender esse funcionamento do interdiscurso, optamos por postagens que mencionavam as palavras “comunismo” e/ou “comunista”, tendo como autores políticos da família Bolsonaro, dadas as características apresentadas por Indursky (2020). Considerando a rede social *Twitter*, mais usada pelos Bolsonaro, bem como a passagem do ano 2021-2022, identificamos duas postagens sobre os Referentes acima citados, constituindo o nosso *corpus* de análise.

Figura 1. Sobre Projeto de Lei que criminaliza a apologia ao Nazismo e ao Comunismo

Fonte: <https://twitter.com/bolsonarosp/status/1300937759520174080>. Acesso em: 29 nov. 2021.

A escolha por postagens com autoria de políticos em constante evidência na mídia brasileira daquele período encontra justificativa também no interesse desse estudo em avaliar o modo com que tais políticos desempenha(va)m influência na (re)produção e circulação de sentidos do/sobre o comunismo/comunista. No *print* em tela, chama atenção a maneira com que a imagem foi elaborada: os rostos de Adolf Hitler (Chanceler do Reich e Führer da Alemanha Nazista de 1934 até 1945) e Josef Stalin (Secretário Geral do Partido Comunista de 1922 a 1952 e Primeiro-Ministro da União Soviética 1941 a 1953), postos sob um plano de fundo em cor vermelha que se assemelha a chamas, de costas, em lados apostos, assim como no plano político. Não menos importante é observar que não foi a imagem de Marx que compareceu na postagem, mas de uma liderança política associada ao comunismo do leste europeu.

A postagem do deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL) apresenta escolhas linguísticas que lançam luz sobre a posição-sujeito da qual enunciou: a do poder legislativo, que elabora e propõe as Leis que ordenam as formas de vida na convivência em sociedade e determinam o que configura (ou não) um crime passivo de pena judicial. Ao utilizar a primeira pessoa do singular (“[eu] APRESENTEI”), referindo-se ao trabalho autoral da proposta de Lei, contribui-se com a imagem (de A para A, nos termos de Pêcheux [2014a]) de um sujeito protagonista, revestido de aparente empenho pessoal para trabalhar em favor daqueles que por identificação são adeptos às suas convicções e atendem ao seu grito, aqui considerando a sua escrita em caixa alta, no que funcionaria com um título na postagem.

Por sua vez, a formulação “APOLOGIA AO NAZISMO E AO COMUNISMO” coloca em circulação uma possível aproximação e semelhança entre nazismo e comunismo; uma vez que a “apologia” a ambos (nazismo e comunismo) resultará, conforme o “[meu] projeto de Lei”, em “cadeia”. Essa (possível) paridade, então, parece ameaçar a sociedade de tal modo que, o “[meu] projeto de Lei” julga o comunismo tão

danoso quanto o nazismo e pune (“prevê cadeia”), pela forma da Lei, os sujeitos que fizerem “apologia a nazismo e comunismo”.

Entendemos que há, nesse caso, uma discursivização que faz esquecer as diferenças entre nazismo e comunismo, a partir da reprodução de sentidos (supostamente) semelhantes. É aí que o combate à desinformação, intuito maior da escrita científica, lança-nos diante da impreterível necessidade de consultar a história para que esta análise discursiva consiga questionar (e criticar) esse modo com que a Figura 1 discursiviza o comunismo, sob uma não-correspondência (dissociação) com o real (da história), na qual “apaga-se a ideia de movimento social ou popular, silencia-se a revolução e seu espírito” (MARIANI, 1996, p. 160).

Cabe lembrar que a introdução da obra *Manifesto Comunista* (2005) nos mostra que, em 1848, estava em plena explosão na Europa um levante revolucionário, no qual “comunistas eram aqueles que estavam claramente a favor da derrubada revolucionária da ordem existente e do estabelecimento de uma sociedade igualitária” (MARX e ENGELS, 2005, p. 10). Em nosso gesto de análise, então, observamos que o dizer “apresentei projeto de Lei que prevê cadeia para quem fizer apologia ao nazismo e ao comunismo” além de silenciar fontes históricas, gera a imagem (de *A* em relação ao *R*) sobre o comunismo como algo maléfico e nocivo para a sociedade brasileira. Tal discursividade, posta em circulação por meio dessa postagem, parece (re)produzir efeitos que podem estimular e justificar práticas, que atacam e violentam sujeitos designados como “comunistas”, a exemplo do tem ocorrido na história do Brasil desde o século XX.

Essa imagem gerada pela declaração no referido *print* parece direcionar o sentido de comunismo a um processo de significação, que produz efeitos de um perigoso inimigo da sociedade brasileira. No entanto, tal direcionamento afeta o imaginário coletivo de modo muito específico, pois “quem fizer” (ou seja, qualquer sujeito) estará sob o aviso (ameaça) de ser penalizado e condenado à “cadeia”. Isso é, há uma discursividade que indica que o sujeito comunista (aquele que faz a apologia ao comunismo) é perigoso, desrespeita a Lei e, portanto, merece punição, tendo em conta o argumento, contraposto pela história, de que “nazismo e comunismo mataram mais de 100 milhões de pessoas por onde passaram”.

Vê-se, nesse caso, que as imagens que são geradas por *A* (autor da postagem) parecem buscar a monossemia do termo comunismo, discursivizando os sujeitos em *B* (leitores que supostamente se identificam com a postagem) como desprovidos de conhecimentos históricos e políticos sobre o comunismo. Desse modo, o efeito de autoria em *A* na formulação o “[meu] projeto de Lei” parece impor a existência de um único (e verdadeiro) sentido, não importando outras formulações. A tentativa de univocidade tem por objetivo delimitar o crime e justificar a sentença de “cadeia”, empurrando ao silêncio discursividades outras (novos processos de significação) em relação ao comunismo. Com base em Orlandi (2020), é possível considerar que se trata de um discurso que parece funcionar por meio da propriedade do discurso autoritário.

Essas possibilidades outras de (re)significar o termo comunismo, para além do sentido criado pela imagem da postagem, constituem a noção de polissemia; uma vez que essa noção conduz a compreensão de que “todo discurso é incompleto e seu sentido é intervalar: um discurso tem relação com outros discursos, é constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico-social” (ORLANDI, 2006, p. 240).

Logo, “na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação” (ORLANDI, 2020, p. 34).

Entretanto, a formulação “apresentei projeto de Lei que prevê cadeia para quem fizer apologia ao nazismo e ao comunismo” materializa um discurso que “tende à monossemia, uma vez que esse discurso [autoritário] se caracteriza pela polissemia contida, estancada” (ORLANDI, 2006, p. 240). Nessa perspectiva, “poderíamos, então, dizer que todo discurso, por definição, é polissêmico, sendo que o discurso autoritário tende a estancar a polissemia” (Idem, *ibidem*).

No segundo parágrafo da postagem, vê-se a descrição do feito parlamentar (apresentar o projeto), resgatando uma memória histórica (mas, deslocando-a da realidade) para sustentar a tese de que “[nazismo e comunismo são] ideologias assassinas”. Com isso, essa imagem criada por *A* em relação ao *R* parece “convocar a sociedade para uma tomada de posição de negação, aversão e repulsa a qualquer sentido positivo atribuído à palavra comunismo” (MARIANI, 2019, p. 271).

Em seu estudo, Mariani (2019) mostra que postagens semelhantes à essa parecem, na atualidade, pôr em movimento um processo jurídico de criminalização de qualquer ideia ou sujeito que possa estar associada/o ao comunismo. Em vista disso, compreendemos que as imagens produzidas pela formulação “[nazismo e comunismo são] ideologias assassinas” parecem afetar o imaginário coletivo, contribuindo com o “apagamento de possíveis rupturas e transformações sociais que a discursividade comunista poderia instaurar” (MARIANI, 2019, p. 276).

O modo com que a rede de já-ditos, pelo funcionamento do interdiscurso, é acionada, para validar e atribuir sentido a novos dizeres (futuros), permite observar que “apologia ao nazismo e ao comunismo”, bem como “[nazismo e comunismo são] ideologias assassinas”, são formulações que “em seu funcionamento discursivo remetem a outras formas nominais cuja materialidade está em enunciados anteriores” (MARIANI, 2019, p. 279). Para a referida autora, esse jogo de relações (entre o dito e o futuro) parece construir uma discursividade sobre o comunismo como algo pertencente ao campo das transgressões à Lei. Desse modo, os enunciados anteriormente apresentados,

[...] constitutivos da rede de sentidos de uma memória sobre o comunismo e os comunistas, funcionam como caução para processos de significação do que, na ordem das formações imaginárias, vai sendo construído discursivamente como uma única realidade, sobretudo a partir das eleições de 2018 (MARIANI, 2019, p. 279).

É possível, então, identificar que na descrição da imagem (“nazismo e comunismo mataram mais de 100 milhões de pessoas por onde passaram”) anexada à postagem, há um processo de significação que se constrói na/pela representação do comunismo com sentido único (verdadeiro) de algo potencialmente destrutivo e letal para a sociedade brasileira. Tem-se, portanto, uma formulação que ignora as distinções entre nazismo e comunismo e os acusa de extermínio de mais de 100 milhões de pessoas sem apresentar qualquer fonte histórica. Mas, ao tempo em que os situa no passado (“por onde passaram”), coloca-se em funcionamento uma ameaça presente, valendo-se do imaginário social contrário ao nazismo, para por associação valer-se dele para também condenar o comunismo.

É o que se observa em uma postagem selecionada na rede social *Twitter*, que faz referência aos comunistas, conforme apresentado a seguir:

Figura 2. Sobre os comunistas



Fonte: <https://twitter.com/carlosbolsonaro/status/1414523650284433412> Acesso em: 1 dez. 2021.

No *print* de tela apresentado na Figura 2, o enunciado “admitem torcer contra o próprio país” constrói um efeito de sentido em que, pela filiação ao comunismo (de maneira generalizada pela construção de um sentido único), todo sujeito adquire convicções antinacionalistas. Tal sentido, atribuído aos comunistas (brasileiros), parece estar inserido no “circuito de manutenção de determinada memória constitutiva do imaginário brasileiro” (MARIANI, 1996, p. 137). Desse modo, o enunciado busca contribuir (afetar) o imaginário coletivo através das “denominações utilizadas [que] recortam a experiência política do comunismo, em termos de práticas discursivas, remetendo-os basicamente para um lugar de ‘inimigo social’” (MARIANI, 1996, p. 143, grifo da autora).

Quando posto em circulação, o enunciado “admitem torcer contra o próprio país” busca contribuir com a projeção do imaginário de que sujeitos filiados ao comunismo são autodeclarados inimigos nacionais, porque se empenham (torcem) “pelo vírus, pela destruição da economia e até por bandido”. Recuperam-se, assim, fatores fortemente negativos da conjuntura social e sanitária atual (2021 – 2022), e que causam sofrimento à população.

Enquanto o então chefe da Nação, reiteradas vezes, atuou contra as medidas sanitárias recomendadas pelas autoridades da saúde (ERICSON, 2021), aqui há um silenciamento do descaso governamental para, em seu lugar, impor a responsabilidade (culpa) aos comunistas pelo avanço do vírus da Covid-19 e pelos danos à economia. Assim, a construção dessa discursividade organiza “uma determinada região de sentidos em torno dos comunistas e, ao mesmo tempo, silenciam outros processos de significação” (MARIANI, 1996, p. 143).

A descrição de características, supostamente, possíveis de serem admitidas pelos comunistas (“admitem torcer contra o próprio país, pelo vírus, pela destruição da economia e até por bandido se isso significar vantagem política”) representa modos de

discursivizar os comunistas, pela oração restritiva explicativa (“que se chamam de progressistas”).

Além de silenciar outros sentidos, tais formulações constituem um discurso que (re)produz um efeito de (única) verdade para fazer acreditar que são eles (os inimigos do Brasil) os causadores dos danos à economia e ao país. Nesse sentido, o funcionamento pela restritiva e a tentativa de caracterização constituem estratégias discursivas que “os designam (os selecionam como um conjunto específico de sujeitos dentro do todo político-social), os descrevem (a partir de um imaginário já constituído) e os classificam (qualificam dentro de um determinado universo de valores sociais também já constituído)” (MARIANI, 1996, p. 140).

Portanto, é possível observar que esse modo de significar *R*, que é posto em circulação por *A* através da referida postagem, é construído com base na ausência de fontes históricas verídicas para atender ao interesse de “fazer acreditar” que há um potencial destrutivo e letal em todo sujeito (denominado como) comunista. Busca-se, então, manter um imaginário coletivo (brasileiro), na tentativa de suprimir a polissemia (as experiências políticas do comunismo na/pela história), visando estabelecer (impor) uma sentença que comunista é (exclusivamente) adversário do povo brasileiro e contrário ao bem comum.

Considerações Finais

Por meio da análise de formulações como “ideologia assassina”, “mataram mais de 100 milhões de pessoas” ou “torcem pelo vírus e pela destruição do país”, o presente estudo deu a ver que os sentidos de “comunismo” e “comunista” são deslizados dos movimentos políticos, filosóficos e sociais comunistas, para dar lugar a uma “ideologia” responsável pela eventual destruição nacional.

Desse modo, o discurso digital produz efeitos de sentido que afetam o imaginário coletivo sobre o comunismo, uma vez que o modo como os dizeres e imagens são formulados contribui para sustentar processos de significação que se constituem na/pela ilusão da monossemia. Por sua vez, os processos argumentativos utilizam a ameaça à sociedade e o sofrimento da população, como justificativa das ações de combate a esse inimigo e, ao mesmo tempo, de estímulo à adesão de quem se filia a um modo de agir autoritário, supostamente, em defesa do povo brasileiro.

Considerando o atravessamento do discurso político, orientado por dizeres que enunciam o outro (“comunistas”) como inimigo da Nação, põe-se em funcionamento uma discursivização no digital, a partir da escassez de fontes históricas e do silenciamento de (todos os) outros sentidos que não sejam os ligados ao sofrimento da população. Pelo efeito de antecipação, interessa fazer circular sentidos negativos de comunismo/comunistas no espaço digital, com vistas ao apoio de seguidores e apoiadores a um processo jurídico de criminalização de qualquer ideia (apologia) ou sujeito que possa estar associado ao comunismo “brasileiro”.

Assumindo posição face ao jogo dessas formulações, a partir do que este gesto de análise mostrou, consideramos que as estratégias discursivas orientadas contra a ameaça comunista podem contribuir, contraditoriamente, para realçar no horizonte a existência

de uma perspectiva de sociedade radicalmente distinta do modo de produção atual. Eis, portanto, o desafio histórico de ler discursos hoje.

Referências

AMARAL, Abraão Janderson dos Santos; LOPES, Maraisa. Da análise automática do discurso à teoria materialista dos processos discursivos: um percurso histórico. **Revista Investigações**, Recife, v. 32, n. 2, p. 479-506, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/241761>. Acesso em: 26 abr. 2022.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos/SP: EdufSCar, 2014.

DIAS, Cristiane. A Análise do Discurso Digital: um campo de questões. **Redisco**. Vitória da Conquista/BA. v. 10, n. 2. p. 8-20. 2016.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sobre o arquivo e a constituição do corpus. Estudos Linguísticos. São Paulo. 44(3), 972–980. 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1030> Acesso em: 26 maio 2022.

ERICSON, Sóstenes. Covid-19 e mídia brasileira em discurso. In.: ROCHA, Max Silva da; et al. (org.) **Texto, discurso e sentidos**. Teresina: Editora Pathos, 2021. p. 93-102.

GRIGOLETTO, Evandra; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. FAKE NEWS: discrepância de sentidos e efeitos sobre as resistências. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 30, n. 59, p. 97-113, 21 dez. 2019.

INDURSKY, Freda. O teatro do grotesco como cenário da desconstrução do Brasil. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 3, p. 365-388, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1730>. Acesso em: 21 dez. 2022.

INDURSKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (org.). **Introdução às ciências da linguagem** - Discurso e textualidade. 3. ed. Campinas/SP: Pontes, 2017. p. 37-88.

LEMONS, Lúcia. O poder do discurso na cultura digital: o caso twitter. 2008. In: **Anais da 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso (JIED)**, realizada em Maringá (PR), em março/2008. Disponível em: (12) (PDF) O poder do discurso na cultura digital: o caso twitter (researchgate.net). Acesso em: 21 dez. 2022.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. As formas discursivas e a ameaça comunista. **Língua e Instrumentos Linguísticos**. nº 44, p. 270-289, jul/dez. Campinas/SP. 2019.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. **O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)**. Tese de Doutorado em 1996. Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP. Campinas/SP, 1996.

MASSMANN, Débora et al. Ativismo de gênero: discursos de/sobre a mulher no “feminejo”. **Leitura**, Maceió, n. 69, dossiê especial “Discurso, Gênero, Resistência”, p. 343-355, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/11983/8623>. Acesso em: 25 mar. 2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. 4a. reimp. São Paulo: Boitempo Editorial. 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In. DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas/SP: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (org.). **Introdução às ciências da linguagem - Discurso e textualidade**. 3. ed. Campinas/SP: Pontes, 2017. p. 13-36.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed., 4. reimp. Campinas/SP: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Educação e sociedade: o discurso pedagógico entre o conhecimento e a informação. **Revista Latino americana de Estudios del Discurso**, 16 (2), 68–80. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/33239> Acesso em: 26 maio 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e argumentação: um observatório do político. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, n. 1 (73-81), jul.-dez. 1998.

PAVEAU, Marie-Anne. **L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques**. Paris: Hermann, 2017. Trad. brasileira: Julia Lourenço e Roberto Baronas (org.). Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas. Campinas/SP: Pontes, 2021.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania S. Mariani [et al.] 5. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, Michel. Foi “propaganda” mesmo que você disse? In: _____. Análise de discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2011 [1979]. p. 73 – 92.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 7. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi [et al.] 5. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2014b.